

Vol V, núm. 2, jul-dez, 2021, pág-487-499.

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A SOCIEDADE PATRIARCAL DO SÉCULO XX

Nairely Almeida Santos

Marcelo Máximo Purificação

Resumo: Objetivamos discutir e levantar hipóteses a respeito violência contra mulher nos últimos 10 anos, tanto quanto para conhecimento, quanto ao envolvimento em discussões. Onde violência contra as mulheres é uma grande problemática atual. Voltamo-nos principalmente ao público feminino, pois, por estarmos envolvidas em um ambiente que tempos atrás já foi restrito aos homens, por permanecermos em situações relacionais que, como em nosso dia a dia, ainda nos colocam em posição de inferioridade e principalmente por acreditar que só nós podemos ocupar nossos espaços através do reconhecimento de que algo ainda nos distancia deste e da equidade de gênero, acredita-se que organizar essa demanda é o melhor caminho para causar mudanças de fato. Vale entender também a construção histórica, e suas influências para saber o motivo da mulher ser independente financeiramente, mas emocionalmente não.

Palavras-chave: Violência contra mulher; Feminismo; Conscientização.

Abstract: We aim to discuss and raise hypotheses about violence against women in the last 10 years, both for knowledge and involvement in discussions. Where violence against women is a major issue today. We turn mainly to the female public, because, because we are involved in an environment that was restricted to men, because we remain in relational situations that, as in our daily lives, still put us in an inferior position and mainly because we believe that only we can occupy our spaces through the recognition that something still distances us from this and gender equity, it is believed that organizing this demand is the best way to actually bring about changes. It is also worth understanding the historical construction, and its influences to find out why women are financially independent, but not emotionally.

Keywords: Violence against women; Feminism; Awareness.

Introdução

O presente trabalho parte do pressuposto teórico bibliográfico sobre a violência contra a mulher nos dias atuais, buscando às questões sociais e culturais ligadas ao a essa violência, algo que dispôs a uma construção ao longo do tempos, e que visa ligações entre diversas opressões (gênero, raça e classe social), a partir do entendimento de que a mesma, embora esteja ligado a todas as mulheres, percorre diferentes direções e é vivenciada de uma maneira subjetiva; grande parte da pretensão de tratar desse tema parte da leitura de livros e artigos que discute em sua obra as estruturas de vários aspectos que de certa maneira como se influenciam até os dias atuais.

Com a intenção de conhecer a origem e o significado da palavra violência e como ela se perpetua, nos dias atuais, e como e quem é responsável, visando entender o alcance que, de fato, como ocorre esse 'ciclo de violência, é necessário considerar o fato de que na própria sociedade atual essa violência é bastante presente, e que diversas famílias tem essas vivências diariamente. É preciso entender dentro desse como ocorre, e por que muitas mulheres ainda se permitem ficar em ambientes assim. E dentro desse trabalho buscar Percepções que podem ser ricamente compartilhadas e transformadas em elementos tanto para conscientização quanto produção acadêmica e por que não, medidas e formas para essas mulheres possam sair desse ciclo e dessa dependência emocional e afetiva.

Ao buscar conhecer a forma que as mulheres compreendem seu papel e se posicionam a respeito das questões abordadas, procuraremos esclarecer o que falta para que possam se libertar das agressões e sugestões de proteção e segurança para essas mulheres que estão em situação de risco. A ideia é que a partir das informações levantadas, estas mulheres possam discutir a respeito de tais questões, a fim de refletirem e se posicionarem mais ativamente sobre o assunto.

Foi através desse questionamento que nos deparamos com uma série de questões extremamente necessárias. Cobrar um posicionamento, sem conhecer e considerar a dimensão sócio-histórica e psicossocial dessas vidas, não deixa de ser também um ato opressor.

Ocupar espaços é, sem dúvida, importante; mas, somente alcançando o maior número de mulheres, sendo sensível às diferentes opressões e reconhecendo as lutas cotidianas relacionadas às desigualdades de gênero, é que podemos avançar efetivamente. A pluralidade de vertentes feministas é sim uma questão importante, desde que essas não nos segreguem e sim nos

organizem. Prioritariamente, utilizaremos nesse estudo a vertente Interseccional por acreditar que caracterize justamente a pluralidade que buscamos.

Ao pronunciarmos consciência e violência, estamos buscando que essas mulheres tenham percepção do envolvimento que se entrelaça essa violência, que ocorre de formas diferentes para cada uma. Percebemos que, se em muitos casos a sobrevivência era uma questão mais emergente, pode ser que só agora tenham acesso a esse assunto e por consequência se questionem a esse respeito. Porém mesmo com essa consciência mesmo Nos remetemos também à possibilidade do simples fato de estar em uma sociedade “moderna e evoluída” existe uma resistência, mesmo que não seja assim reconhecida.

Desenvolvimento

A mulher teve sua conduta social sempre atrelada ao silêncio, Perrot (2005) lembra que em tempos não muito distantes poder se manifestar, falar a respeito de ideias e de qualquer coisa que fugisse à banalidade do lar não era permitido, tão logo sua expressão adquiriu o signo de histeria e vulgaridade.

O gênero – sempre ligado de forma direta à sexualidade, a qual compreende segundo Nunes (1987) um conceito amplo e multifatorial de constructos sociais– exerce forte influência na construção de nossa personalidade, embora sejamos sujeitos únicos, carregados de subjetividade, não podemos negar a forma como esses constructos agem. Por outro lado, também agimos sob eles, sendo assim possível modificá-los. Para Freire (1970) uma classe oprimida (aqui falamos da mulher frente à sociedade) não pode esperar livrar-se dessa opressão através do próprio opressor, essa talvez seja a questão principal de nossa pesquisa: Qual é a relação entre o reconhecimento de como é vista, interpretada e invadida pela sociedade e a luta para livrar-se dessa ‘violência’? . É preciso que essas vítimas entendam o seu papel pois essa é a própria ferramenta de libertação. Do ponto de vista da literatura, a mesma preocupação que tem motivado mais estudos e ações governamentais visando o fim da violência contra a mulher parece também motivar autores contemporâneos a escrever sobre o tema. (DUTRA,2016, p. 01). As mulheres sofrem diversos tipos de violência: físicas, econômicas, psicológicas e sexuais. (CASSARINO; GEVASONI; QUEVEDO,2014, p. 12).

Segundo Acosta, Gomes, Barlem (2013, p. 548) A violência praticada contra a mulher é fruto de uma construção cultural, política e religiosa, pautada nas diferenças entre os sexos. Essa violência, foi construída culturalmente, e existe várias formas de violência contra a mulher. Seja ela

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

violência, física, psicológica ou sexual. “Como consequência, a forma mais comum de violência contra a mulher e a praticada por parceiro íntimo, o qual ocorre entre pessoas de diferentes raças, religiões, classe econômica e social” (ACOSTA; GOMES; BARLEM, 2013, p. 548), De Soares (2005) Qualquer mulher pode ser vítima de violência, independente da sua cor, da sua condição financeira, porém algumas mulheres conseguem esconder e outras possui recursos para escapar da violência. Porém mesmo algumas com recursos, ambas estão em um ambiente onde existe um ciclo de violência. A violência é um ponto difícil de reconhecer e romper esse ciclo e silêncio, pois, de acordo com estudos além de ocorrer no ambiente familiar onde se espera proteção e cuidado, ocorre pela pessoa que onde a vítima tinha vínculo de confiança Afirmo Dutra (2016)

Dados revelam a magnitude desta forma de violência em nível mundial. Mulheres com idade entre 15 e 44 anos tem maior risco de estupro e violência doméstica do que de sofrerem acidentes, contraírem câncer, malária ou, ainda, serem vitimadas na guerra. No Brasil, a cada dois minutos, cinco mulheres são agredidas violentamente. Os atos violentos resultam na perda de um ano de vida saudável a cada cinco anos de vitimização. (ACOSTA; GOMES; BARLEM, 2013, p. 548)

Cobrar um posicionamento sem conhecer e considerar a parte sócio histórica e psicossocial dessas vidas não deixa de ser um ato opressor. Foi através desse questionamento que nos deparamos com uma série de questões extremamente pertinentes. Como os dados e a frequência que ainda está essa violência. Há dez anos, oito mulheres sofriam agressões a cada dois minutos, hoje cinco sofrem, demonstrando que, embora o resultado seja positivo, ainda muito precisa ser feito para inibir a violência contra a mulher (ACOSTA; GOMES; BARLEM, 2013, p. 548). Devemos pensar antes de tudo no acesso e suporte a essas mulheres, nas prioridades de cada uma delas de modo que enquanto a problemática maior de algumas possa ser emocional, a de outras pode ser sobrevivência.

A mulher não é apenas a metade da população e mãe de toda a humanidade, é um ser social, criativo e inovador. (TELES, 1993, p. 09). É preciso também saber quais fatores, influenciam essa omitir essa violência, e ser negligenciada e certa forma. Apenas uma parcela das mulheres reconhece a violência, sendo invisível para muitas delas. (MARINHEIRO, VIEIRA, SOUZA, 2007, p. 609).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Soares (2005) A violência pode acontecer quando o conjugue percebe que não tem mais o controle nem poder sobre a outra pessoa, por isso que muitos homicídios acontecem quando a mulher decide largar se separar.

Em relação aos antecedentes de violência na família, estudos no mundo todo apontam que os abusos são mais evidentes entre as mulheres cujos maridos apanharam ou viram suas mães apanhar (MARINHEIRO, VIEIRA, SOUZA,2007, p.609), onde essa vertente também seja um fator, e esse ciclo pode se estender durante anos. Visto que os valores culturais estão associados às desigualdades e a violência instaura a ‘naturalidade’ das diferenças, com estereótipos e códigos de conduta entre homens e mulheres. (BALBINOTTI, 2018, p.261)

A pluralidade de vertentes dessa violência, por exemplo, é sim uma questão importante, desde que essas não nos segreguem e sim nos organizem. Prioritariamente, utilizaremos nesse estudo a vertente Interseccional por acreditar que caracterize justamente a pluralidade que buscamos.

Enquanto sujeitos estamos vinculados à prática política e nossas vivências fazem parte de sua construção, ao ponderarmos o papel feminino especialmente, fazemos por reconhecer que estamos ainda hoje em lugar oprimido e que a politização desse papel contribui para resistir a ele. O meio social em que vivemos pode abrir ou fechar as portas para a violência. Pode ser que a violência não encontre meios de se manifestar.

“Em pleno século XXI, estudar a violência doméstica contra as mulheres deveria ser como descrever algo obsoleto, ultrapassado, superado. ” (PRATES e QUINTANAS, 2016, p. 17). “Embora o problema da violência seja complexo, assim como sua resolução, acredita-se que o primeiro passo para abordá-lo é tirá-lo da invisibilidade” (MARINHEIRO, VIEIRA, SOUZA,2007, p.609).

Debruçar-se sobre o estudo de temas relacionadas à violência de gênero é um grande desafio, afinal se trata de trazer à tona a discussão e a reflexão sobre atos cotidianos, praticados há séculos, sob a égide do patriarcado que rege as relações sociais estabelecidas durante toda a história da humanidade (PRATES e QUINTANAS , 2016, p.02).

A dificuldade da sociedade atual em reconhecer a necessidade de tratar esses assuntos é mais que uma necessidade, a conscientização da realidade, de suas dificuldades e privilégios, qual sua história, qual a motivação dessas mulheres em continuar relacionamentos, com violência? Reconhecimento de que somos sujeitos únicos, mas não isolados e é importante incomodar-se e

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

problematizar o que lhe parece um problema. Uma vez que, visto que essa problemática tem uma ausência de referências, e artigos, que falem sobre esse atendimento para mulheres que sofrem violência, mesmo sendo uma demanda com a mulher da atualidade Maluske e Porto (2014).

Um país que ainda culpa a roupa da mulher pela violência sexual além de discriminar estereótipos de mulher no momento da seleção de um emprego expressa discriminações perigosas, violando os direitos humanos desse grupo social tão discriminado historicamente: o grupo formado pelas mulheres, mães, trabalhadoras, que representam não o sexo frágil, mas a força que, apesar de todo o sofrimento secular, sabe lutar por dignidade na busca incessante por superação e igualdade.(CASSARINO; GEVASONI; QUEVEDO 2014, p. 02)

Evoluímos tanto em alguns aspectos, porem em outros, ainda se tem muita coisa para desenvolver, principalmente o fato de culpar os verdadeiros culpados por essa violência. “Tematizar ou elencar a violência contra a mulher deveria ser algo que retratasse o quão limitado o ser humano já foi um dia, a ponto de negar ou privar o direito de outro em virtude do gênero”. (PRATES e QUINTANAS, 2016, p. 02). Essa temática era para ser algo somente algo histórico, e não uma problemática atual.

Segundo o Mapa da Violência 2015 – Homicídio de Mulheres no Brasil, de 1980 a 2013 o número de mulheres vítimas de homicídio cresceu 252%, uma taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, o que coloca o Brasil na 5ª posição, em um *ranking* composto por 83 países, atrás apenas de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia. (PRATES e QUINTANAS, 2016, p.02)

Além disso é possível notar que essas questões além de não ter muito referencial, é possível observar que ainda é grande a violência, no cenário atual em que vivemos. Dutra (2016) Mesmo que o conteúdo referencial não tem o poder de corrigir a desigualdade de gênero, ele tem o poder e capacidade e capacitar reflexões e conscientização para uma mudança futura. Com isso esse estudo busca quais as razões muitas mulheres se permitem ficar em um ambiente onde ela frequentemente sofre violência, e por que ainda é algo tão presente dentro da sociedade. De maneira geral, é possível afirmar que a violência doméstica contra a mulher é recorrente e sistemática. Sua incidência se dá

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

em todas as faixas etárias e as mulheres sempre são as principais vítimas. (PRATES e QUINTANAS, 2016, p.16). Conforme Maluschke e Porto (2014), são diversos os motivos para as mulheres manter e permanecer dentro desses relacionamentos, o motivo pode ser subjetivo e variar de mulher para mulher, mais a vários fatores que podem influenciar, como o medo de não ser respeitada na sociedade, não ter um destaque ou até mesmo por causa dos filhos.

Então vamos por parte, sabemos que as mulheres tiveram uma luta durante um período histórico, onde foram construídos, apoios para as mesmas saírem dessas situações. Fica, portanto, evidente que é no ambiente familiar que a violência de gênero se apresenta da forma mais persistente, atingindo a subjetividade feminina. Balbinotti (2018, p.23)

O movimento feminista promoveu a construção de políticas de inclusão e valorização das mulheres ao longo do século XX. Nessa trajetória, as feministas obtiveram conquistas importantes na Constituição de 1988 e na efetivação das primeiras políticas públicas para as mulheres, por exemplo, as delegacias especializadas de atendimento à mulher (DEAM) e o programa de atenção integral à saúde da mulher (PAISM) (Pinto, 2003). Conquistas que continuaram na década de 1990 com as casas-abrigo e, mais recentemente, com os centros de referência. (MALUSCHKE e PORTO, 2014, p. 268).

Ha dez anos, oito mulheres sofriam agressões a cada dois minutos, hoje cinco sofrem, demonstrando que, embora o resultado seja positivo, ainda muito precisa ser feito para inibir a violência contra a mulher. (ACOSTA; GOMES; BARLEM, 2013, p.548). Mesmo com várias inclusões informação, assistência e possíveis suportes, para essas mulheres, é possível notar que a para essas mulheres mas também não tem alcançado êxito, pois “De acordo com a Secretaria de Políticas para as Mulheres, através do Balanço dos atendimentos registrados pelo Ligue 180, entre janeiro e outubro de 2015, das 63.090 denúncias de violência contra a mulher”. (Gomes e Fernandes, 2018, p.56). “Porém, mais do que contabilizar esses números é preciso muita ação efetiva de prevenção e conscientização junto aos homens” (PRATES e QUINTANAS, 2016, p.18).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

São vários os motivos que impedem as mulheres de romperem o ciclo da violência doméstica, dentre eles, encontram-se: o medo de romper o relacionamento; a vergonha de pedir ajuda e receber apenas críticas; a esperança de que o agressor de fato mudará seu comportamento; o medo de se sentir sozinha e não ter ninguém para apoiá-la; o medo de ser rejeitada pela sociedade, por ser separada, divorciada. (PRATES e QUINTANAS, 2016, p.05).

É, portanto, no seio familiar, que muitas vezes a violência de gênero se apresenta da forma mais cruel e persistente, sustentada por valores culturais machistas e patriarcais, que ‘justificam’ comportamentos de dominação, poder e grande interferência na subjetividade feminina. (BALBINOTTI, 2018, p. 259)

Discussão Teórica

A violência contra a mulher se apresenta como uma forma de legitimação de poder do homem sobre a mulher, sendo por isso denominada de violência de gênero. (Almeida, Araújo e Rocha, 2011, p.167), Pedroza (2015), Mesmo sendo um assunto bastante problematizado e discutido levantando questões importantes na sociedade atual em que vivemos, sabemos que essa problemática não é uma demanda da nossa atualidade, e que apesar de ser um assunto de anos de história e lutas, sua visibilidade só está sendo notada nos últimos anos. A violência moral, psicológica e física, geralmente, é realizada por pessoas que convivem diariamente e intimamente com as mulheres (marido, namorado, companheiro), sendo este fenômeno vivenciado em ciclos difíceis de serem rompidos. (Pereira e Vigário, 2014, p.153).

De acordo com Prates e Quintanas (2016) existem vários motivos para essas mulheres não anular esse ciclo de violência e, como o medo, vergonha e muitas vezes achar que o parceiro pode mudar com o tempo, a falta de apoio e o medo ser criticada em uma sociedade patriarcal ou em algumas vezes depender financeiramente. Cassab, Fraid e Mizuno (2010) Quando estão em um relacionamento abusivo, as mulheres se deparam com vários obstáculos, e dúvidas, onde ela pensa se vai conseguir provar a violência, se vai perder a guarda das crianças, sobre o que as pessoas vão falar, entre várias outras, questões que só mulheres dentro desse ciclo concebe tais questões, questões que muitas vezes para quem está de fora, parece simples e fáceis. Por quatro séculos a sociedade reservou para as mulheres um lugar invisível (ARARIPE, 2016,p.02), o que não é de se surpreender que essa violência atual, seja um espaço que as mulheres precisam alcançar mais espaço e

visibilidade, para futuramente isso seja apenas um dado histórico, e não dados atuais, onde mostram quantas mulheres são agredidas por dia.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) avaliou o impacto da Lei Maria da Penha sobre a mortalidade de mulheres por agressões através de estudo de séries temporais. Desta avaliação, observou-se que não houve impacto verdadeiramente eficiente, tendo em vista que não houve redução das taxas anuais de mortalidade, comparando-se os períodos anteriores e posteriores à vigência da Lei. (CASSARINO; GEVASONI; QUEVEDO, 2014, p.12)

Até o final do século 1970 a violência contra a mulher era considerada “castigos” e muitos homens assassinavam suas mulheres com justificativa de legítima defesa para sua honra. Só depois de movimentos feministas contra esses castigos, que foi considerado violência contra a mulher. (Araripe, 2016). Na década 1980, com engajamento e mobilização de um maior contingente de mulheres o Movimento demonstra à sociedade que a violência contra a mulher não é algo natural, mas sim, uma construção histórica que pode ser desconstruída. (CASSAB, FRAID E MIZUNO, 2010, p.18), Além disso, há evidências de que a violência masculina contra a mulher tem maiores índices de periculosidade do que o contrário e, portanto, a violência de gênero acaba por ser conhecida como a violência contra a mulher como já foi observado. (CASSARINO; GEVASONI; QUEVEDO 2014, p.02).

Cassab, Fraid e Mizuno (2010), Segundo Cassarino, Gevasoni e Quevedo (2014), é preciso mudar o pensamento da sociedade em que vivemos, onde se tem o equívoco de que a vítima é culpada, onde ela a culpada pela roupa que ou algo similar, e assim começar a responsabilizar o verdadeiro culpado dessa violência. A violência contra a mulher além de afetar a saúde física e psicológica impede outros fatores seu desenvolvimento social e exercício da cidadania, romper esse vínculo, entre seu conjugue é uma situação muitas vezes difícil e complexo, pois existe um vínculo afeito entre ambos. Quanto mais frágil, mais desprotegida e sem recursos é a mulher, mais dependente se apresenta do marido, principalmente enquanto seu protetor e, imprimindo à casa – um espaço compartilhado por ambos – , como um lugar seguro. (Cassab, Fraid e Mizuno 2010, p.18).

Bravas lutadoras, as mulheres se unem e, incansáveis, se lançam na batalha diária pela conquista da igualdade de direitos. Das lutas, colecionam vitórias, mas também derrotas. Movimentos feministas, e as mulheres brasileiras de maneira geral, comemoraram juntas a recente alteração promovida pela Lei do Feminicídio. (PRATES e QUINTANAS, 2016, p.18).

Atualmente é bastante amplo a conquista da mulher contemporânea, porém mesmo com essa conquista de diversos direitos e espaço, a mulher é alvo de constante opressão social, com um pensamento de inferioridade em relação ao homem, isso podemos analisar através dos altos números de violência contra as mesmas afirma Cassarino, Gevasoni e Quevedo (2014).

Entretanto, a mulher não possui obrigatoriedade de repor o papel de mulher-vítima porque ela pode constituir outros papéis como o da mulher-liberta, da mulher emancipada. (Pereira e Vigário, 2014, p.169), só que para isso, ela precisa de uma rede de apoio, uma central onde possa buscar atendimento e suporte, para se libertar.

Precisamos de ideologias, de lutas, de compreensão do que é ser uma mulher dentro de uma sociedade que ainda é machista em que a relação de poder na sociedade em que estamos inseridos fica mais nítida e pode passar a ser problematizada.

Considerações finais

Diante das questões levantadas, uma hipótese válida seria aprofundar em estudos teóricos, e investigar por meio de pesquisas e atendimentos psicológicos o perfil das mulheres vítimas de violência diante de seu posicionamento no mundo contemporâneo, bem como na própria sociedade atual e que viemos. Percebe-se, portanto, que, em grande parte a violência é direcionada contra a mulher, independentemente de sua posição social ou do grau de desenvolvimento econômico ao qual pertença numa sociedade. (Pereira e Vigário, 2014, p. 153)

Além disso é possível notar que os recursos criados para suporte para essas mulheres não têm alcançado de forma positiva para todas, tanto por certa resistência de algumas mulheres em lidar com tais questões tanto por não ser discutido e exposto enfaticamente por referencial teórico. Sugere-se o desenvolvimento de pesquisas empíricas, fundamentadas na Teoria da Ação Planejada, acerca da permanência de mulheres em relacionamentos abusivos, especialmente, no contexto brasileiro (FERNANDES e GOMES, 2018, p.65).

A dificuldade dessas mulheres em sair desses relacionamentos, ou a falta de suporte social, é um fator observado nesse trabalho, onde tem uma necessidade de conscientização da realidade, onde, a mulher tem que se reconhecer como sujeito, e é importante incomodar-se e problematizar o que lhe parece ser algo naturalizado pela sociedade, mas que precisa urgentemente ser mudado, para que essas mulheres tenham qualidade de vida.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

Essas questões influenciam tanto no processo de formação na área da psicologia, quanto no meio social em que vivemos, é no momento da formação que o senso crítico deve ser exercitado, de forma que essas mulheres encontrem um suporte e apoio para deixar esses relacionamentos. Pereira e Vigário (2014) A atuação da psicologia, na área prática e científica, é importante para a sociedade, para trazer novos conhecimentos relacionados e essa violência, e para contribuir e poder servir como reconstrução e recomeço para essas mulheres. Em um cenário ainda alarmante de violência, em que muitas vezes a violência contra a mulher é banalizada e negligenciada como alguns estudos apontam, é importante que uma reflexão sobre o tema seja estimulada. (DUTRA, 2016, p.03). A violência praticada pelo conjugue, está sendo considerado como uma problemática de saúde pública, não somente por causa da gravidade das lesões, mais por que é um dos lugares mais procurados por mulheres que sofrem essa violência de acordo com Marinheiro, Souza e Viera (2006). Fazendo assim necessário esses atendimentos para servir como apoio a essas mulheres. A escuta terapêutica é importante porque pode enviasar o sujeito para ressignificação de seus afetos e de sua vida, devendo, por isso, ser desprovida de qualquer julgamento pessoal do psicólogo, cuja função é de pensar, junto com o sujeito, caminhos educativos para reorientação de sua vida e, neste caso específico, da mulher que sofre a violência doméstica. (Pereira e Vigário, 2014, p.157), e assim em conjunto com as políticas públicas, a sociedade e o sistema possa estar, oferecendo serviços públicos de qualidade, a fim de que as mesmas reorganizem suas vidas, ressignifiquem o sentido da mesma e construam novas identidades, e que estas sejam emancipadas e as permitam tomar as rédeas de seu cotidiano e sendo autoras e de suas histórias. (Pereira e Vigário, 2014, p.170).

Por fim, cumpre destacar outro aspecto que pode muitas vezes passar despercebido, mas influencia muito do que já existe em termos de representatividade: não basta ter rostos, precisamos de ideologias, de lutas, de compreensão do que é ser uma mulher dentro de uma sociedade que ainda é machista. Precisamos, portanto, ser resistentes no cenário acadêmico, ainda tão marcado pelas crenças, valores e pressupostos da sociedade tradicional, predominantemente patriarcal.

Referências

ACOSTA, F.; BARLEM, E.L & GOMES, V.L.O.L. **Perfil das ocorrências policiais de violência contra a mulher.** Revista Saúde Públ.,2006.

ALMEIDA, M.M.G.; ARAUJO, T.M. & ROCHA, S.B. **Violência contra a mulher entre residentes de áreas urbanas de Feira de Santana, Bahia.** Trends Psychiatry Psychother. 2011.

ARARIPE, S.F. **SER MULHER NO SÉCULO XXI: Uma análise dos fatores que dificultam o rompimento do Ciclo de Violência.** 2016.

BALBINOTTI, I. **A Violência Contra a Mulher Como Expressão do Patriarcado e do Machismo.** Revista da Esmesc, v.25, n.31, p. 239-264, 2018.

DUTRA, P.Q. **O paraíso não é aqui:a violência contra a mulher em Tatiana Salem Levy.** 2016.

CASARINO, T.A.F.; GERVASONI, T.A & QUEVEDO, E.R. **A DISCRIMINAÇÃO CONTRA A MULHER: ANÁLISE HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA.** 2014.

FERNANDES, S.C & GOMES, I.R.R.**A Permanência de Mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada.** Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, Brasil - V. 38, nº94. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

MARINHEIRINHO, A.L.V.; VIEIRA, E.M & SOUZA, L. **Prevalência da Violência contra a mulher usuária de serviço de saúde.** Revista Saúde Públ.,2006.

PRATES, S.M. & QUINTANA, S.C.R.Q. **Dez Anos da Lei Maria Da Penha, 2016.**

PEREIRA, F.C & VIGÁRIO, C.B. **Identidade de Mulheres que Sofrem Violência Doméstica.** Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 5 - n. 2, p. 153-172, jul./dez. 2014.

PORTO, M. & MALUSCHKE, J. S.N.F. **A Permanência de Mulheres em Situações de Violência: Considerações de Psicólogas.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Jul-Set, Vol. 30 n. 3, pp. 125-2762005. 2014.

SOARES, B.M. **Enfrentando a Violência contra a Mulher.** 2005.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

TELES, MARIA. **Breve História do Feminismo no Brasil.** São Paulo: brasiliense, 1993.

Recebido: 21/2/2021. Aceito: 13/5/2021.

Autores:

Nairely Almeida Santos - Graduada em Psicologia na Unifimes – Centro Universitário de Mineiros.

Contato: nairelyallmeida@gmail.com

Marcelo Máximo Purificação - Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Docente efetivo na Unifimes – Centro Universitário De Mineiros.

Contato: marcelo.ueg@gmail.com